

TIREZIA(S) – ENTRE MITO E PSICANÁLISE – SEGREGAÇÃO OU EXCLUSÃO?

Filme TIREZIA. Direção de Bertrand Bonello, 2003.

Gonçalo Moraes Galvão

Psicanalista, Membro da EPFCL – Fórum SP,
Mestre em Psicologia, Especialista em Ciência
Política, Graduado em Filosofia, Professor da
Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista.
E-mail: gsgalvao@uol.com.br

Breve estarei no meu jardim de rosas. Breve.
Estou aguardando. Rosas cheias de espinhos.
Odores falsos, mas melhores que os verdadeiros.
O original é vulgar, por causa do seu passado.
Foi só uma experiência, uma tentativa.
A ilusão de uma coisa não é essa coisa. Mas a
cópia é perfeita. A cópia é perfeita. Tal como a
vejo, como a cheiro. De novo em meu jardim
é noite, de novo há as rosas... Mesmo que haja
só um único e lindo dia. Não dormir mais sem
você. Não dormir mais. (Filme: Tiresia)

Tiresia é um filme feito em parceria –
Canadá/França – do ano de 2003, de Bertrand
Bonello, com roteiro do próprio Bonello em
conjunto com Luca Fazzi. Drama, muito bem
constituído, que faz um esforço na tentativa
de retomar a saga de Tirésia, vidente grego,
de tamanha importância na mitologia e na
tragédia dessa cultura. A história, que parece,
numa primeira visada, bastante simples

e policialesca, não demora muito para fazer
brotar diálogos e questões de importância
milênar. Um padre (Laurent Lucas), atormentado
com as questões do sexo, aprisiona um travesti
(Clara Choveaux, na primeira parte do filme)
num local afastado, mantendo com o mesmo
uma estranha relação. O aprisionamento
traz consequências inevitáveis em ambos,
sendo que ao segundo, privado de seus
hormônios só restará uma volta à sua
condição de corpo masculino (Thiago Telès).
Assim vemos se desenvolver uma bela trama
que nos lança sobre nossa vida, nosso sexo,
nossa morte.

Do museu à imagem feminina com um
pênis. Do que se trata? Da mitologia à
possibilidade de transitar pela ordem dos ali
apontados como dois sexos. Hermafroditismo
ou androginia?

Entre as larvas incandescentes de um
vulcão, fogo movediço que tudo consome,
encontra-se a possibilidade de se pensar a
mobilidade, não sem seu próprio consumo,
da condição humana. A mitologia antiga
aponta para a existência humana advinda do
barro, de Geia e do sopro divino ganhando
assim a possibilidade de se locomover e
mudar, buscar aquilo que em sua estrutura
esburacada, porosidade do próprio barro,
irá sempre faltar. Dos locais mais sombrios da
existência humana aparece aquilo que como
canto nos apresenta uma possibilidade de
interpretação:

Teresinha de Jesus de uma queda foi ao chão;
 Acudiram-lhe três cavaleiros, todos três, cha-
 péu na mão;
 O primeiro foi seu pai o segundo seu irmão;
 O terceiro foi aquele que a Teresa deu a mão;
 Quanta laranja madura quanto limão pelo
 chão;
 Quanto sangue derramado dentro do meu
 coração.
 Da laranja quero um gomo, do limão quero
 um pedaço;
 Da menina mais bonita quero um beijo e um
 abraço.
 Terezinha levantou-se. Levantou-se lá do
 chão;
 E sorrindo disse ao noivo: eu te dou meu
 coração;
 Tanta laranja madura, tanto limão pelo chão;
 Tanto sangue derramado dentro do meu cora-
 ção... (Cantiga Popular)

No escuro de cada um está algo que é próprio do existir humano e foi extirpado pelo exercício da razão elevada à potência do esclarecimento e do apagamento de todo e qualquer obscurecimento: que as luzes da razão jamais permitam que as trevas possam existir. É assim que temos, depois do investimento filosófico dos gregos, um convite a elevar o espírito humano à máxima potencialidade de seu próprio esclarecimento, seja externo ou internamente, ou seja, da técnica aos exercícios de introspecção religiosos e depois pseudocientíficos, científicos.

Assim em nossa condição de divididos (esquizo), somos tomados por apenas um, uno, coeso, coerente, absolutamente esclarecível ou esclarecido. A ciência nos permite sonhar, de certa maneira, com uma existência sem divisão, sem cisma, sem ambivalências: da dicotomia sujeito-objeto, fica clara

a inexistência de um lugar onde o sujeito que manca sob o peso de sua própria dor de existir se faça presente. Isto não é verificável! Afirma-nos categoricamente a grande mãe da modernidade.

Neste vai e vem da busca do esclarecimento não há lugar para as histórias, não há lugar para os mitos. Pouco a pouco vemos ser expurgados do seio da legitimidade estes discursos que de alguma maneira sustentam a ordem do existencial e daquilo que poderíamos apontar como um encontro com o real. O mito vai sendo colocado, nesse processo de elevação do discurso científico à máxima categoria, em lugar de discurso vazio de sentido, estapafúrdio, sem pé nem cabeça, pura produção de mentes desocupadas que não têm um pensamento e rigor lógico necessário para produzir algo que se preste. A não racionalidade do mito condena-lhe a um estatuto de discurso ilegítimo e que só pode nada dizer.

Freud nos chama a atenção exatamente para “o grande pecado humano”, para aquilo que ficará na ordem da exclusão. Para aquilo que ficou exilado de nós mesmos por muito tempo e que nem por isso deixou de ter seu efeito de causação. A isso deu o nome de inconsciente; que não é coisa, não é substância e não tem essência.

Desta forma pensando o uso que o pai da psicanálise fez dos mitos e de como esse é uma constância no seu desenvolvimento teórico, pode-se supor que de alguma maneira Freud percebeu seu caráter diferencial: enquanto narrativa sustenta exatamente aquilo que está na mesma ordem da origem de cada sujeito psíquico. Chama a atenção a sua

preocupação em relação àquilo que diz respeito às questões que remetem diretamente à origem, à sexualidade e à morte. Esses seriam problemas sem solução direta, pois não há como representá-los, mas é a partir deles que se constitui a subjetividade.

Para melhor articular estas perguntas, Freud recorreu aos mitos: Totem e Tabu e Édipo Rei exemplificam claramente isto, ou seja, tratam daquilo que de outra maneira pareceria intratável na ordem do humano. É assim que nosso autor apreende e denomina romance familiar o universo simbólico que precede ao nascimento de cada um de nós, e diz em *Moisés e o monoteísmo* que os relatos míticos têm sua origem no romance familiar, dando origem às fantasias. (FREUD, 1939/1974). Assim, pode-se perceber que o mito (no que concerne ao coletivo) e a fantasia (no que concerne ao sujeito) têm a mesma função, ou seja, permitir a inserção de um indivíduo em um universo qualquer, conferindo-lhe um lugar, e assim fornecer-lhe a via de produção de sentido. É através de um mito que justificamos e lançamos as bases que nos permitem responder à questão do humano – sua ausência de instintos, sua sexualidade, sua origem e sua morte.

Aqui é interessante lembrarmos que este não será um caminho abandonado por Lacan, pelo contrário, seguirá fielmente os passos do seu mestre. Vide o trabalho que faz utilizando-se do texto platônico *O Banquete*, ou ainda quando se enveredou pela ordem da família dos Labdácios: Édipo e sua corja familiar.

Em “O mito individual do neurótico” (1952/2008) Lacan dedica-se a fazer a

aproximação das relações do mito com a fantasia a partir da análise de duas histórias, a do homem dos ratos e o episódio da juventude de Goethe. Na primeira história vê-se o impasse do homem dos ratos: não há saída possível diante de sua fantasia, a não ser correr para Freud; já em Goethe vemos como ele soluciona o seu impasse através de um disfarce, ou seja, lança mão da função significante, do simbólico, caindo no mito do nascimento do herói, de maneira invertida, mas conseguindo dessa forma reivindicar seu lugar.

O que fica evidenciado nesses dois exemplos usados por Lacan é que o único viés possível para que um indivíduo encontre seu lugar e usufrua seus direitos é apelando ao Outro, ao seu universo simbólico – e este apelo só pode ocorrer através do mito, as sociedades ditas primitivas exemplificam bem isto, e através da fantasia, que se evidencia claramente em nossa sociedade.

Assim chega-se mais diretamente ao filme e suas questões. Retomando a história de Tirésias, deparamo-nos com algo que nos acossa na atualidade: o transexualismo. O que temos aí? O que vemos aí? Com o que nos deparamos?

A fala de Tiresia, no filme, dá-nos a pista:

(...) veja o que sou. Não é humano. É revoltante. Olhe bem. Dê uma boa olhada. (...) É verdade que a gente tem algo a mais. Que a gente tem uma grande alegria. Mas a gente festeja isso com desespero. E isso você não consegue entender.

Hora homem, hora mulher e ao mesmo tempo uma aberração é assim que ficam caracterizados Tirésias e Tiresia. Será isso que possibilita ficarem à margem daquilo que

uma visada racional pode parecer dar conta. Existem e persistem, numa insistência que vai além da exclusão, em colocar questões sobre o que é a vida, o sexo e a morte e assim lançar-nos um enigma frente a nossa própria cegueira: “(...) eu não posso me enxergar por isso não me importo”. O que fazer com aquilo que se insurge na existência sob o nome do não racional, do trágico? Escutemos uma pequena parte de uma carta encontrada nas ruínas do templo de Apolo em Delfos:

Kalimero¹, Dr. Freud

Escrevo-lhe do templo de Apolo, em Delfos – ônfalo da Terra, – onde vim consultar o oráculo para saber de meu destino nos séculos vindouros. Esta carta deve ser aberta no aniversário de cento e cinquenta anos de seu nascimento.

Antes de mais nada, parabéns doutor Freud! Parabéns por ter mantido viva a mântica dos sonhos, a prática da interpretação onírica inaugurada pelos mestres da verdade aqui na Grécia, e por ter dela feito o paradigma da ação do analista. Apolo agradece. (...)

(...) Não me venham com interpretações oportunistas, dizendo que o mundo mudou e que eu sou uma invenção feita sob medida por um habitante de uma Viena fim de século. Graças ao senhor, sobreviverei a todos aqueles que dizem que não sirvo mais para nada. Como apagar a marca da castração, que o senhor captou, de meu ato de furar meus olhos? E cuja angústia é o sinal da realização de um gozo atingido para além do possível. É a marca de que ali o olhar se fez presente e trouxe à luz o que não se pode ver. Quando eu via, nada enxergava, quando abri os olhos à verdade da castração, ela os arrancou de minha visão. Então, pude saber. Mas que travessia dolorosa foi-me necessária para chegar a esse saber!

Ao recusar-me, eles enlouquecerão. Pois estarão recusando o complexo lei-transgressão-castração chamado pelo meu nome. Retirem-me de cena, e a psicose advirá. Quer seja no imperial-terrorismo paranóico, quer seja na desagregação capitalista esquizofrênica. (...)

Nascerei tantas vezes quantas me matarem, pois trago o marco do desejo indestrutível em minha tragédia, o marco da estrutura em meu mito, o marco do saber em meus pés. Sim, sou capenga, coxeio e claudico e, assim, mantenho-me nas andanças do ser. Ao pé da letra. Graças ao senhor, doutor Freud, os homens sabem quem sou eu: um manco. Manco, sim. Um manco que pode dançar no coro dos discursos. (...)

(...) Não recuei diante de obstáculo algum até ver o impossível. O senhor teve a coragem de buscar-me em cada ser e, amorosamente, levá-lo a saber o que já é dado, e a poder transformar a infelicidade do destino no efeito trágico do entusiasmo pelo saber. Parabéns doutor Freud.

Assinado: Édipo. (Quinet, 2009)

É assim que uma simples cantiga pode conter mais do que se pensa. Therese, Teresa, Teresinha... Therese, Terese... Tiresia.

Teresinha de Jesus de uma queda foi ao chão;
Acudiram-lhe três cavaleiros, todos três chapéu na mão;
O primeiro foi seu pai o segundo seu irmão;
O terceiro foi aquele que a Teresa deu a mão;
(Cantiga Popular)

Essa cantiga que recorta o filme, se apresentando em alguns momentos surdamente, parece possibilitar escutar algo da ordem do fantasma que fica recolocado pela lógica da estruturação edípica: o primeiro foi seu pai, o segundo seu irmão e o terceiro foi aquele

1 Belo dia

que a Teresa deu a mão. Se pensarmos, por exemplo, na definição do fantasma como uma cena imaginária na qual o sujeito representa a realização de seu desejo, veremos que tal representação é produção de um objeto próprio ao desejo. Pois o fantasma aparece como esta construção que indica a maneira singular através da qual cada um de nós procura determinar um caminho em direção ao gozo. Este é ao menos o sentido da definição lacaniana: “(...) a fantasia torna o prazer apropriado ao desejo” (LACAN, 1966/1998, p. 785).

Não se trata apenas de afirmar que o fantasma indica a predominância do princípio de prazer na realidade psíquica. Lembremos que, para Lacan, o desejo é desprovido de todo procedimento natural de objetificação, o desejo é desejo de nada que possa ser nomeado. Neste sentido, afirmar que o fantasma produz um objeto capaz de satisfazer ou, como gostaria Lacan, de fazer o prazer próprio ao desejo, significa dizer que ele permite que o sujeito forneça uma realidade empírica a um desejo que, até então, era pura determinação negativa. Isto mostra como o fantasma é o único procedimento disponível ao sujeito para a objetificação do seu desejo. Daí porque ele seria: “a sustentação do desejo” (LACAN, 1973/1993, p. 168) ou ainda “este lugar de referência através do qual o desejo aprendera a situar-se” (LACAN, 1958-1959/2009).

Quanta laranja madura quanto limão pelo chão;
Quanto sangue derramado dentro do meu coração.
Da laranja quero um gomo, do limão quero um pedaço;
Da menina mais bonita quero um beijo e um abraço.

Terezinha levantou-se. Levantou-se lá do chão;
E sorrindo disse ao noivo: eu te dou meu coração;
Tanta laranja madura, tanto limão pelo chão;
Tanto sangue derramado dentro do meu coração...
(Cantiga Popular)

Referências

- BRANDÃO, Junito de Souza (1991). *Mitologia Grega*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, v. I/II.
- FREUD, S. (1905/1974). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. VII.
- _____ (1909/1974). Romances familiares. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. IX.
- _____ (1913/1974). O Mal-estar na Civilização. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXI.
- _____ (1913/1974). Totem e Tabu. In: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XIII.
- _____ (1939/1974). Moisés e o mono-teísmo. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, v. XXIII.
- LACAN, J. (1952/2008). *O mito individual do neurótico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- _____ (1958-1959/2009). *O Seminário, Livro 6: O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: J.Z.E.
- _____ (1960-1961/1992). *O Seminário, Livro 8: A Transferência*. Rio de Janeiro: J.Z.E.

LACAN, J. (1966/1998). A agressividade em psicanálise. In: *Lacan. Escritos*. Rio de Janeiro: J.Z.E..

_____ (1966/1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In: *Lacan. Escritos*. R.J.: J.Z.E.

_____ (1973/1993). *O Seminário, Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: J.Z.E.

QUINET, A. (2000). *A Descoberta do Inconsciente*. Rio de Janeiro: J.Z.E.

_____ (2009). Ódipous, filho de Laios. Disponível em: <http://oidipousfilho-delaios.blogspot.com/2009/02/historia-de-edipo-rei-pelo-avesso.html>.

Recebido em 7/12/2009; Aprovado em 4/2/2010.